



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Bateria de indicadores movimentada a agenda doméstica, com crédito devendo manter ritmo de expansão estável sob efeitos das alterações do IOF

Em semana com a agenda de indicadores movimentada, destaque para os números de julho do mercado de crédito, que devem mostrar estabilidade no ritmo de expansão da carteira, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. O saldo total deve crescer 0,4% no mês, mantendo o ritmo de expansão anual em 10,7%. A estabilidade deve ser sustentada pela aceleração da carteira PJ, refletindo, em boa parte, as mudanças das alíquotas do IOF, que alteraram o comportamento da tomada de crédito das empresas. No caso, embora julho apresente sazonalidade negativa, o efeito parece ter sido atenuado pelo retorno da demanda pela operação de risco sacado, contribuindo para o melhor desempenho no mês. Quando analisados em conjunto com as concessões, no entanto, os dados apontam para uma desaceleração mais ampla do crédito, sobretudo das linhas mais sensíveis à política monetária. Veja mais detalhes da Pesquisa nas [páginas 7 e 8](#). Os números oficiais serão divulgados pelo Banco Central nesta quarta (27).

O mercado também estará de olho nos indicadores de inflação, que devem reforçar um cenário mais benigno. A prévia do índice oficial, o IPCA-15, será divulgada pelo IBGE na terça (26), com expectativa de deflação de 0,20% em agosto. Além de seguir mostrando acomodação dos preços dos alimentos no domicílio e descompressão das passagens aéreas, passado o período de férias, o resultado será beneficiado pelo bônus de Itaipu, que aplica um desconto nas contas de energia elétrica. Em contrapartida, o início do 2º semestre letivo deve pressionar o índice com os reajustes das mensalidades escolares. No acumulado em 12 meses, o indicador deve desacelerar de 5,30% para 4,89%. Parte desse alívio, contudo, deve ser devolvido no mês seguinte, com a normalização dos preços da energia elétrica (devolução do bônus). Na mesma direção, o IGP-M, que será divulgado pela FGV na quinta (28), também deve sinalizar alívio, em meio à continuidade da queda dos preços agropecuários no atacado. O índice deve subir 0,19% no mês, interrompendo uma sequência de três meses em deflação, puxado pela reversão nos preços dos itens industriais. Ainda assim, em 12 meses, o indicador deve seguir desacelerando, recuando de 2,96% para 2,86%.

No mercado de trabalho, o segmento formal deve continuar mostrando números positivos, a despeito dos sinais de moderação da economia. Os dados serão divulgados pelo Caged na terça (26), com o consenso estimando geração líquida de 135,0 mil vagas de empregos formais no mês. Apesar de abaixo do observado em jul/24 (191,3 mil), o resultado deve seguir indicando resiliência do segmento, reforçando a expectativa de criação de mais de 1 milhão de vagas no ano.

No campo fiscal, as contas públicas devem voltar a apresentar resultados negativos em julho. Apesar da expressiva arrecadação registrada no mês, a maior para o período desde o início da série histórica (ver [página 5](#)), o desempenho deve ser pressionado pelo pagamento de precatórios e pelo descontingenciamento dos recursos anunciado no fim do mês, após a revisão positiva das receitas liberarem algum espaço para o cumprimento da meta fiscal. O bom desempenho do lado da arrecadação, entretanto, não elimina a preocupação do mercado com a trajetória ascendente da dívida pública, que demanda medidas estruturais para alterar o cenário. O Tesouro Nacional divulgará o resultado primário do governo central na quinta (28), enquanto o Banco Central divulgará, na sexta (29), o resultado do setor público consolidado, com expectativa de déficits de R\$ 59,5 bi e R\$ 60,2 bi, respectivamente.

Em relação às contas externas, os números de julho devem continuar indicando uma situação externa menos confortável. O mercado projeta déficit em transações correntes de US\$ 5,5 bi em julho, ligeiramente acima do registrado em jul/24 (US\$ -5,2 bi). Com o resultado, o déficit acumulado em 12 meses deve continuar aumentando, atingindo US\$ 73,5 bi (-3,42% do PIB) se mantendo acima da entrada líquida de investimento estrangeiro direto. Tal cenário implica maior vulnerabilidade a choques externos e potenciais efeitos negativos sobre o câmbio. Os números serão divulgados pelo Banco Central na terça-feira (26).



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No cenário internacional, destaque para os números da inflação nos EUA, em meio às discussões sobre os próximos passos do Federal Reserve. Na sexta-feira (29), será divulgado o índice PCE de julho, métrica favorita do Fed para monitorar preços. O mercado projeta alta de 0,2% no mês, sem sinais relevantes de repasse de tarifas, em linha com o observado no CPI (índice de preços ao consumidor). O núcleo do indicador, que exclui itens mais voláteis, deve avançar 0,3%. Em 12 meses, a expectativa é de estabilidade, com o índice cheio em 2,6% e o núcleo em 2,9%.

O mercado também estará atento aos dados de atividade dos EUA, com a semana trazendo os números da renda e dos gastos pessoais de julho além da prévia do PIB do 2º trimestre. O foco dos agentes estará nos gastos, buscando entender a dinâmica do consumo das famílias no início do 2º semestre. O consenso aponta para alta de 0,5% no mês, indicando resiliência da demanda. Já a 2ª leitura do PIB do 2T25 será divulgada na quinta (28), que, caso confirme a prévia, deve seguir mostrando crescimento (+3,0% anualizado ante o tri anterior), embora com sinais de desaceleração do consumo das famílias, do governo e dos investimentos.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25-28/ago	FGV: Sondagens de Confiança	Ago/25	-	-
26/ago	IBGE: IPCA-15	Ago/25	-0,20% m/m 4,89% a/a	0,33% m/m 5,30% a/a
26/ago	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jul/25	US\$ -5,5 bi	US\$ -5,2 bi
27/ago	BCB: Estatísticas de Crédito	Jul/25	0,4% m/m* 10,7% a/a*	0,5% m/m 10,7% a/a
28/ago	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jul/25	135,0 mil	166,6 mil
28/ago	FGV: IGP-M	Ago/25	0,19% m/m 2,86% a/a	-0,77% m/m 2,96% a/a
28/ago	Reunião do CMN	-	-	-
28/ago	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Jul/25	R\$ -59,5 bi	R\$ -44,3 bi
29/ago	BCB: Estatísticas Fiscais	Jul/25	R\$ -60,2 bi	R\$ -47,1 bi

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25/ago	EUA	Vendas de casas novas	Jul/25	-0,3% m/m	0,6% m/m
26/ago	EUA	Pedidos de bens duráveis	Jul/25	-4,0% m/m	-9,3% m/m
26/ago	EUA	Confiança do consumidor (<i>Conference Board</i>)	Ago/25	97,0 pts	97,2 pts
28/ago	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Ago/25 – final	-15,5 pts	-14,7 pts
28/ago	EUA	PIB	2º tri/25 – 2ª leitura	3,0% t/t-1 (anualizado)	-0,5% t/t-1 (anualizado)
28/ago	EUA	Vendas de casas pendentes	Jul/25	0,3% m/m	-0,8% m/m
29/ago	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jul/25	0,5% m/m 0,5% m/m	0,3% m/m 0,3% m/m
29/ago	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (Índice PCE)	Jul/25	0,2% m/m 2,5% a/a	0,3% m/m 2,6% a/a
29/ago	EUA	Estoques no atacado	Jul/25 – prévia	0,1% m/m	0,1% m/m
29/ago	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Ago/25 – final	58,6 pts	61,7 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Proxies do PIB confirmam esfriamento da economia no 2º trimestre

As proxies mensais do PIB reforçaram a percepção de desaceleração da economia no 2º trimestre. O índice de atividade econômica do Banco Central, o IBC-Br, retraiu 0,1% em junho, registrando a segunda queda mensal seguida. Com o resultado, o indicador encerrou o 2º trimestre com alta de apenas 0,3% na margem, após avançar 1,5% no trimestre anterior.

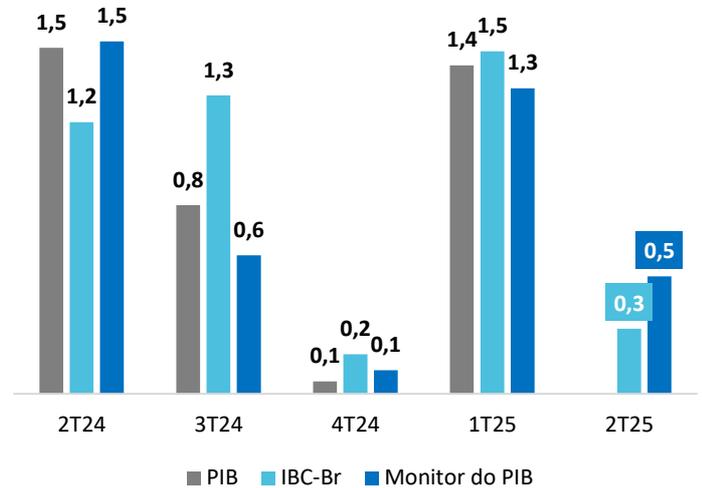
A expansão no 2º tri foi sustentada pelos serviços, que avançaram 0,7% e que seguem mostrando alguma resiliência, apoiados em um mercado de trabalho ainda sólido. A indústria, por sua vez, ficou praticamente estagnada (+0,1%), enquanto a agropecuária registrou forte retração de 3,1%, após avançar 7,6% no tri anterior, então impulsionada pela supersafra de grãos.

Na mesma direção, o Monitor do PIB, calculado pela FGV, também apontou um crescimento contido da economia no 2º trimestre, de 0,5%. Pela ótica da oferta, o avanço no período foi puxado pelo crescimento disseminado no setor de serviços e pela indústria extrativa. Pela ótica da demanda, o crescimento seguiu sustentado pelo consumo das famílias, apontando alguma resiliência da demanda doméstica, embora com sinais de perda de fôlego. Já os investimentos (FBCF) retraíram no trimestre, indicando uma desaceleração mais aguda do componente, que é bastante afetado pela política monetária.

No geral, embora os indicadores apontem que a economia tenha seguido em crescimento no 2º tri, houve relevante desaceleração em relação ao observado nos três primeiros meses do ano. Além da perda da contribuição positiva da agropecuária, os efeitos contracionistas da política monetária têm se tornado mais claros, especialmente nos setores cíclicos, ajudando a explicar essa desaceleração.

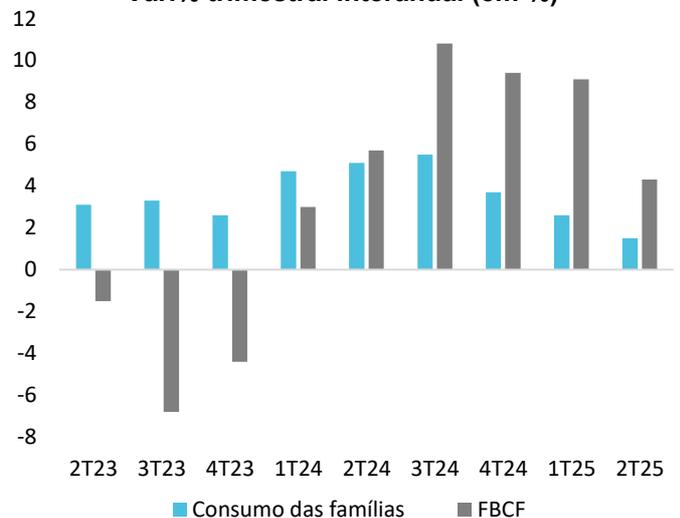
Para o 2º semestre, o mercado de trabalho ainda resiliente e impulsos fiscais (incluído o pagamento de precatórios) devem dar algum suporte adicional ao consumo das famílias. No entanto, um esfriamento mais evidente dos setores cíclicos e do crédito reforçam a perspectiva de acomodação da atividade. Esse quadro pode alimentar o debate sobre o início de um afrouxamento monetário ainda em 2025, mas, diante da leitura de que a desaceleração ainda é gradual, o Banco Central tende, ao menos por enquanto, a adiar esse movimento, com cortes somente a partir de 2026.

Quadro 1: PIB e Proxies Mensais Var.% trimestral



Fonte: IBGE, BCB e FGV

Quadro 2: Monitor do PIB – Componentes Var.% trimestral interanual (em %)



Fonte: FGV

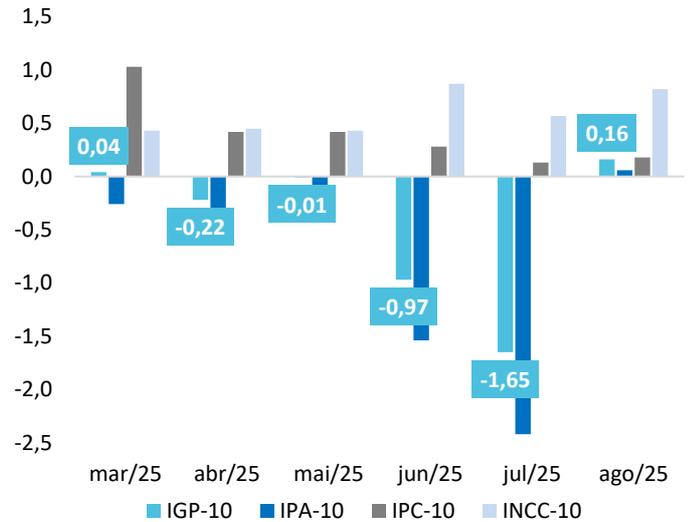
No campo inflacionário, o IGP-10 voltou ao campo positivo em agosto, mas ainda com boa dinâmica dos preços agropecuários no atacado. O índice subiu 0,16% no mês, interrompendo uma sequência de quatro meses em deflação. No mês anterior, o índice havia recuado 1,65%. A alta foi explicada pela reversão nos preços dos produtos industriais, de -1,87% em julho para 0,91% em agosto, bastante influenciado pelo minério de ferro, que passou de -6,83% para 9,37%. O movimento fez com o índice no atacado (IPA) voltasse a subir após cinco meses consecutivos de queda, passando de -2,42% para 0,06%. Na outra ponta, contudo, os itens agropecuários seguiram em deflação (-2,39%), beneficiados pela queda dos preços das commodities e descompressão do câmbio, ajudando a conter o avanço do IPA. Esse movimento, por sinal, seguiu contribuindo para a trajetória de desaceleração do IGP-10 no acumulado em 12 meses, que, após atingir alta de quase 9% em abril, segue recuando, atingindo 2,84% em agosto (ante 3,42% em julho).

No campo fiscal, a Receita Federal apontou arrecadação recorde de impostos em julho, de R\$ 254,2 bi. O número representa um aumento real de 4,57% em relação a jul/24. O forte desempenho foi impulsionado pelo crescimento real do IRPJ e CSLL (+8,38%), explicado pelo aumento da arrecadação das empresas organizadas sob o regime de lucro presumido e do ingresso de valores atípicos, da ordem de R\$ 3 bi. O resultado também seguiu favorecido pelo bom desempenho do mercado de trabalho, que tem impulsionado as receitas previdenciárias (+3,41%) e o IRRF-Rendimentos do Trabalho (+6,68%). Adicionalmente, a elevação das alíquotas do IOF e o aumento das operações relativas à saída de moeda estrangeira levaram a um crescimento real de 13,05% da cifra.

No acumulado do ano, a arrecadação atingiu R\$ 1,68 trilhão, alta real de 4,41% ante o mesmo período em 2024, também se tratando do melhor desempenho histórico. No acumulado em 12 meses, a arrecadação soma R\$ 2,8 trilhões, o equivalente a 22,7% do PIB, se mantendo no maior patamar da série.

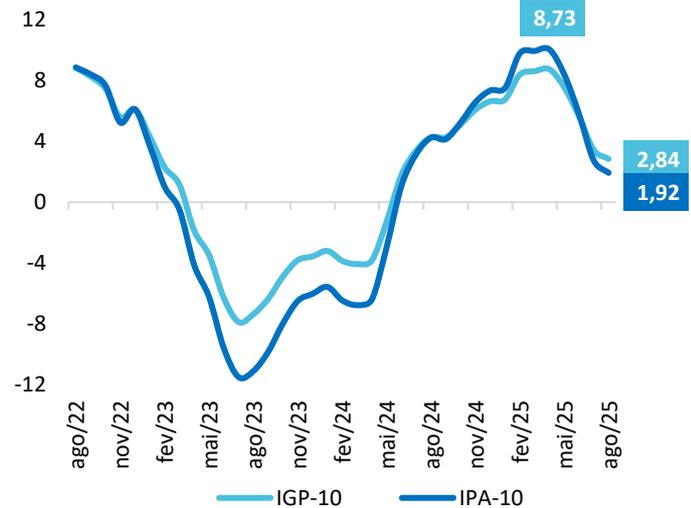
No geral, os números da arrecadação seguem bastante expressivos, em níveis recordes, sustentados pela resiliência da atividade econômica e do mercado de trabalho e pelas alterações legislativas. Apesar da maior arrecadação com o IOF, o número de julho ainda parece modesto, e deve ampliar sua importância nos próximos meses. Embora se espere algum arrefecimento da arrecadação no 2º semestre, em linha com a desaceleração prevista da economia, o desempenho robusto das receitas deve contribuir para manter plausível o cumprimento da meta fiscal.

Quadro 3: IGP-10 e Aberturas – Var.% mensal



Fonte: FGV

Quadro 4: IGP-10 e IPA-10 Acumulado em 12 meses



Fonte: FGV

Quadro 5: Arrecadação Federal de Impostos Acum. 12 meses – % do PIB



Fonte: RFB

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercado dispara após sinal verde de Powell a corte dos Fed Funds em setembro

O grande destaque da semana foi a porta aberta por Jerome Powell, presidente do Fed, para a retomada do ciclo de cortes nos juros. A sinalização foi dada em discurso no Simpósio de Política Econômica em Jackson Hole, nos EUA. Ao longo da semana, até o discurso na sexta (22), os investidores seguiam bastante cautelosos, o que se refletiu em quedas nas ações e leve alta nos rendimentos das *Treasuries*, diante de dúvidas se o Fed iria manter os juros inalterados em setembro. Entretanto, Powell destacou que os juros em território restritivo e o cenário-base atual já “podem justificar um ajuste” na política monetária, o que foi o suficiente para trazer forte otimismo ao mercado. Com isso, os índices de ações subiram forte e os rendimentos das *Treasuries* caíram, enquanto as apostas em corte de 0,25 pp nos *Fed Funds* na próxima reunião se consolidavam.

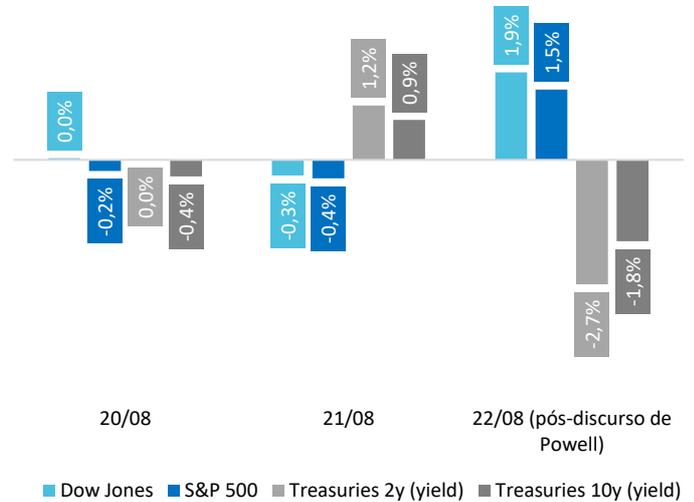
Ainda no tema de política monetária, foi divulgada a ata da última reunião do Fed, mostrando que, na ocasião, a maioria dos membros entendiam que a inflação alta apresentava um risco maior em comparação com o risco de enfraquecimento do mercado de trabalho, justamente o ponto que foi relativizado por Powell em seu discurso. Já com relação às tarifas, vários membros do Colegiado entendem que pode demorar para que os efeitos fiquem claros, debatendo na reunião se o efeito seria pontual ou mais duradouro.

Quanto aos dados, foram divulgadas as prévias dos PMIs de agosto, com surpresa relevante com o número da indústria, que voltou a indicar expansão do setor ao atingir 53,3 pts (ante 49,8 pts), o melhor valor desde mai/22, com algum alívio em relação aos impactos das tarifas. Já no caso de serviços, o número se manteve em um patamar elevado, apesar da ligeira queda (55,4 pts ante 55,7 pts).

Na Zona do Euro, a leitura final da inflação de julho confirmou a prévia ao ficar estável no mês, com o avanço em 12 meses permanecendo em 2,0%, em linha com a meta do BCE. O mais importante foi a confirmação de que a inflação de serviços também está se acomodando na região. Mesmo assim, o BCE deve voltar a fazer uma pausa em seu ciclo de afrouxamento monetário em setembro, podendo voltar a cortar os juros básicos mais próximo do fim do ano.

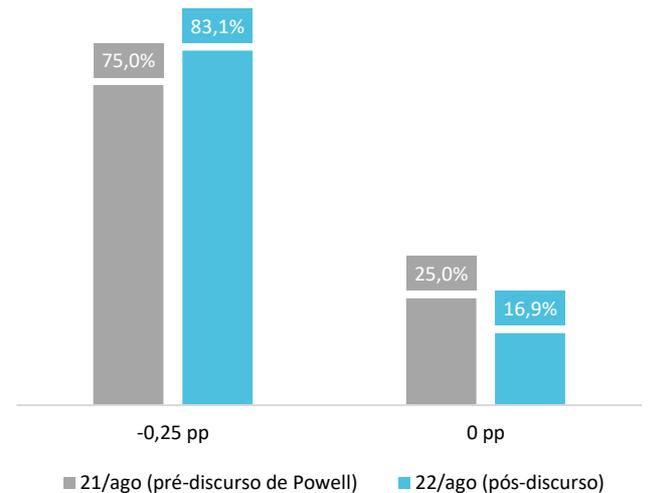
Outra notícia positiva do bloco veio da leitura prévia dos PMIs de agosto, com destaque para o setor industrial (50,5 pts), que viu o número indicar expansão no setor, acima de 50 pts, pela 1ª vez desde abr/22. Já o setor de serviços registrou leve recuo, para 50,7 pts, ante 51,0 pts em julho.

Quadro 6: Evolução dos índices de ações e rendimentos das *Treasuries* – Var. % diária



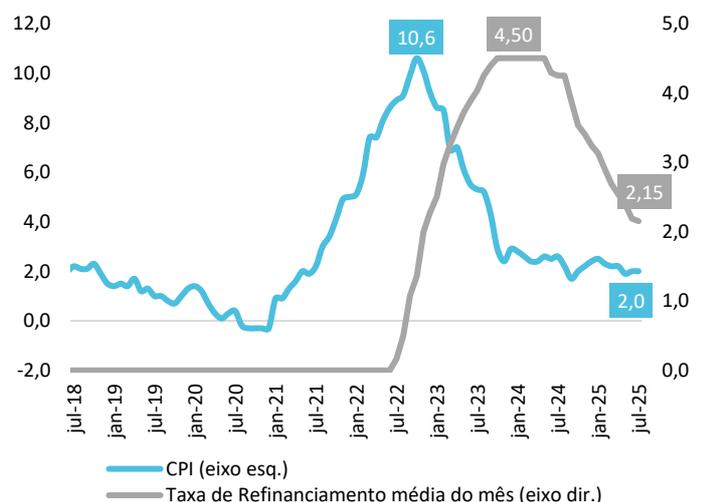
Fonte: Bloomberg

Quadro 7: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de setembro



Fonte: CME Group

Quadro 8: Zona do Euro – CPI e Taxa de Refinanciamento – Em % aa



Fonte: Bloomberg

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Ritmo de expansão anual do crédito deve ficar estável em julho

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 0,4% em julho, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com isso, o ritmo de expansão anual da carteira deve ficar estável em 10,7%.

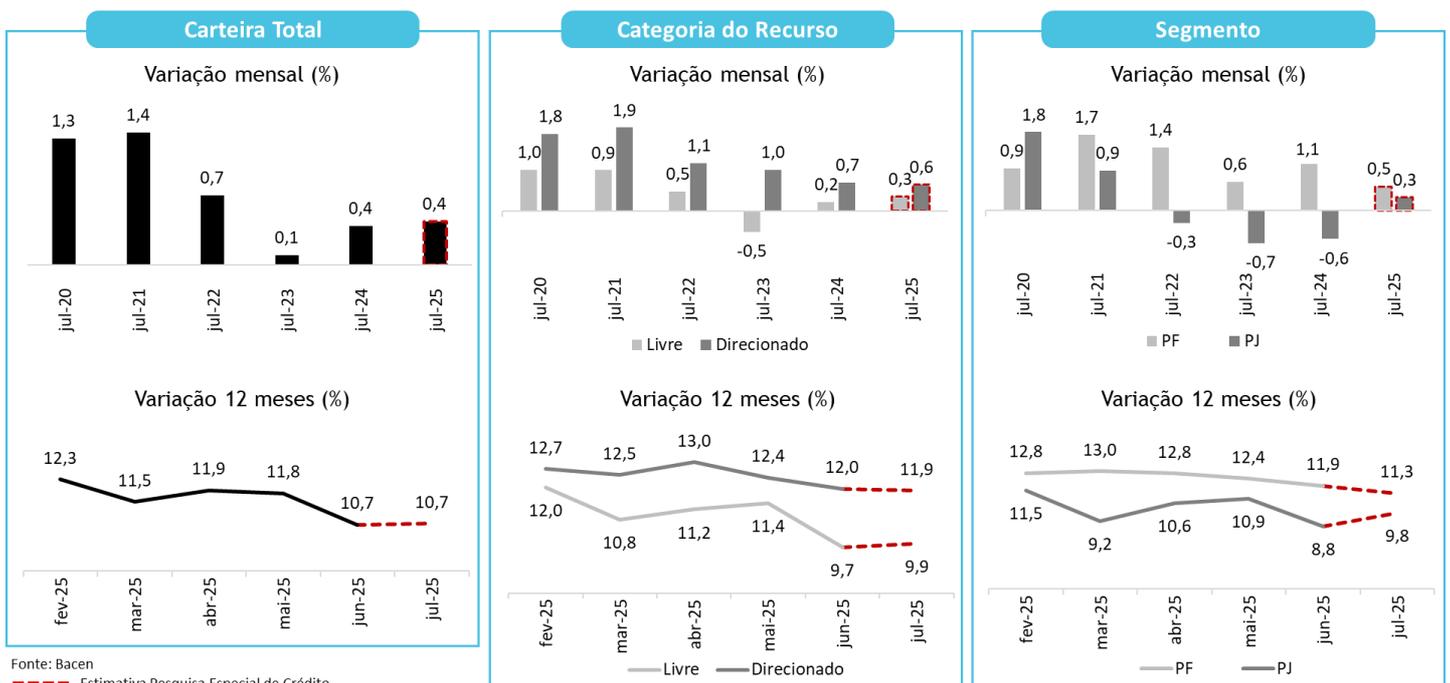
A estabilidade em 12 meses deve ser sustentada pela aceleração da carteira PJ, cujo crescimento anual deve passar de 8,8% para 9,8%, com ganho de ritmo tanto nas operações com recursos livres quanto direcionados. A carteira PJ Livre deve retrair 0,3% no mês, queda bem menos intensa que a de jul/24 (-1,2%), reflexo das alterações recentes no IOF. Embora julho apresente sazonalidade negativa, o efeito parece ter sido atenuado pelo retorno da demanda pela operação de risco sacado pelas empresas, após a derrubada da medida no Congresso. A medida levou as empresas a anteciparem o uso da linha em maio e reduziu consideravelmente seu uso em junho, quando a nova tributação entrou em vigor. A elevação do IOF, porém, manteve-se válida para as demais modalidades, mantendo fragilizado, por exemplo, o capital de giro, principal componente da carteira.

Já a carteira PJ Direcionada (+1,3%) deve seguir impulsionada pelos programas governamentais e recursos via BNDES, acelerando o ritmo de expansão anual de 13,3% para 14,3%.

No crédito às famílias, o movimento é de perda de fôlego, com o ritmo de expansão anual desacelerando de 11,9% para 11,3%. A carteira Livre deve avançar 0,8% em julho, reduzindo o ritmo anual de 12,4% para 11,8%, ainda em nível elevado. Já a carteira PF Direcionada deve crescer 0,3%, sustentada pelo imobiliário, mas com sinais de fraqueza no crédito rural. Com isso, o ritmo de expansão anual deve seguir acomodando, de 11,3% para 10,7%.

No geral, a estabilidade no ritmo de expansão do saldo de crédito em julho reflete, em boa parte, as alterações das alíquotas do IOF, que alterou o comportamento das empresas. Quando analisados em conjunto com as concessões, no entanto, os dados apontam para uma desaceleração mais ampla do crédito. A carteira PJ Livre deve retomar a trajetória anterior de moderação, após o distúrbio gerado pelas mudanças no IOF. A manutenção da elevação da alíquota para todas as modalidades, com exceção do risco sacado, deve, inclusive, contribuir para amplificar tal movimento. O crédito às famílias apresenta sinais mais claros de acomodação, especialmente em segmentos mais sensíveis à política monetária. A exceção é o crédito direcionado às empresas, que continua sendo impulsionado pelos programas públicos, mas que não deve ser suficiente para impedir a perda de fôlego da carteira total ao longo do 2º semestre.

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



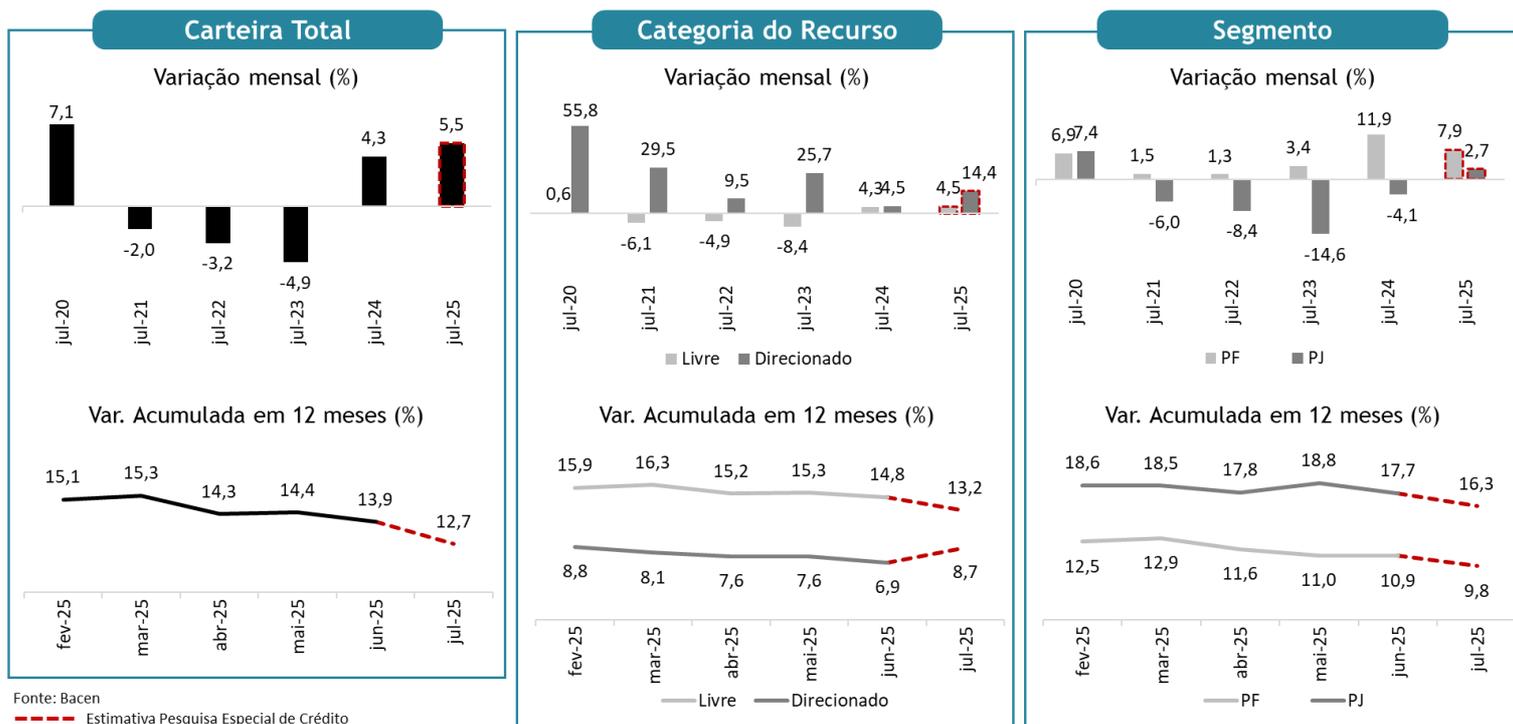
Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta expansão mensal de 5,5% em julho. Ajustando pelo número de dias úteis, o resultado representa uma retração de 8,2% na margem. A queda no mês (com ajuste de dias úteis) reflete o menor volume destinado tanto às famílias (-6,2%) quanto às empresas (-10,7%).

Na comparação com julho de 2024, que elimina efeitos sazonais, o resultado indica uma alta de 8,5%, voltando a ficar abaixo do patamar de dois dígitos observado nos primeiros meses do ano. No acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento deve desacelerar de 13,9% para 12,7%, reforçando os sinais de acomodação do crédito no período.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para o dia 27 de agosto. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Julho/2025

CRÉDITO / BANCOS

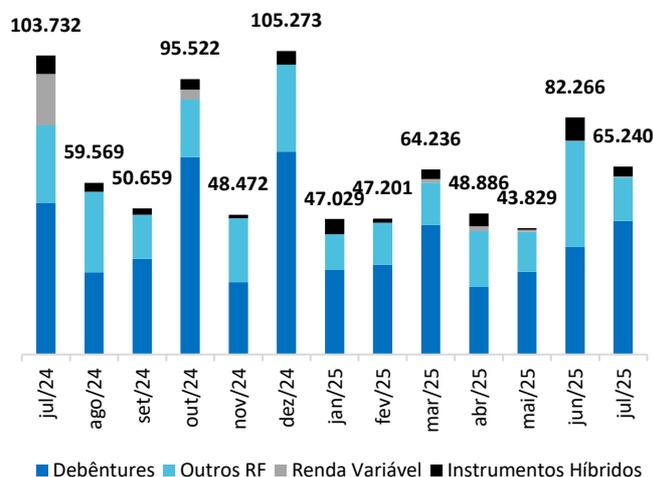
O mercado de capitais doméstico fechou o mês de julho totalizando R\$ 65,2 bilhões em captações, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. Em termos reais, o valor representa uma queda tanto em relação ao observado no mesmo mês do ano passado (R\$ 103,7 bi ou -37,1%), quanto em relação ao mês anterior (R\$ 82,3 bi ou -20,7%). A comparação anual é influenciada pela operação de *follow-on* da Sabesp em jul/24, no valor de R\$ 15,5 bi em termos reais. Desconsiderando esta operação, a queda das captações totais teria sido de 26,0%. Ainda assim, portanto, pode-se dizer que o resultado continua trazendo sinais de moderação do segmento, apesar do bom patamar.

As debêntures seguem liderando as captações do mercado, totalizando 46,4 bi em julho, mais de dois terços (71,1%) do total emitido no mês. Em termos reais, o instrumento apresentou queda de 12,1% no comparativo com o mesmo mês do ano anterior. Já no acumulado do ano (jan-jul), o volume captado por meio de debêntures chegou a R\$ 241,3 bi, com queda de 11,4% ante o ano anterior. Importante lembrar que o ano de 2024 foi recorde na captação do instrumento e como é o principal instrumento de captação pelas empresas, a desaceleração das debêntures tem puxado o número geral do mercado de capitais. No Quadro 12, observa-se a variação acumulada em 12 meses das captações totais e através de debêntures. As debêntures atingem um pico de crescimento nominal de 118,4% em jan/25, impulsionando o total (+74,9%), enquanto na ponta já vemos a expansão das debêntures bem mais contida (+13,2%), assim como o total (+3,4%).

As captações através dos demais instrumentos de renda fixa também recuaram ante jul/24 (-43,8%), com o movimento disseminado entre os instrumentos, mas com piora mais clara no caso dos CRAs (-58,9%). Mesmo assim, somados às debêntures, a renda fixa respondeu praticamente pela totalidade das emissões no mês (94,1% do total). No acumulado do ano, a renda fixa totalizou R\$ 368,1 bi. Já as captações de renda variável (*equity*) seguem bastante pontuais, com apenas uma operação do setor de autopeças em julho (R\$ 400 mi), enquanto os IPOs seguem zerados desde jan/22. No ano, as operações desta natureza totalizaram R\$ 4,1 bi.

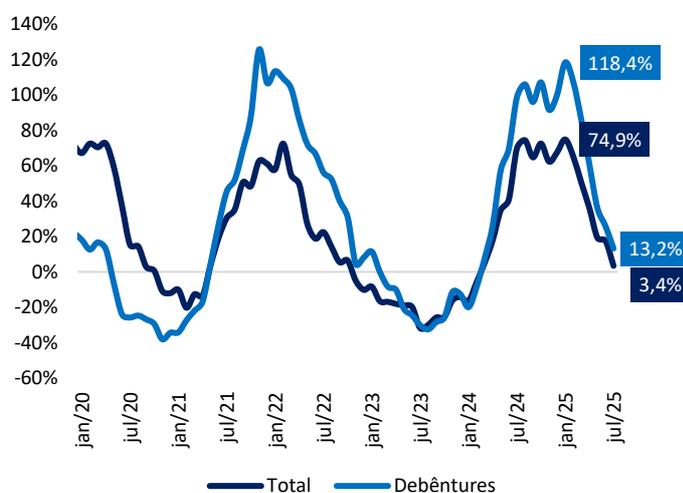
Para o restante do ano, as captações no mercado de capitais devem seguir com alguma moderação diante dos juros altos. De todo modo, o patamar deve seguir elevado, representando uma fonte relevante de recursos para as empresas.

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - R\$ mi – Preços de jul/25 (IPCA)



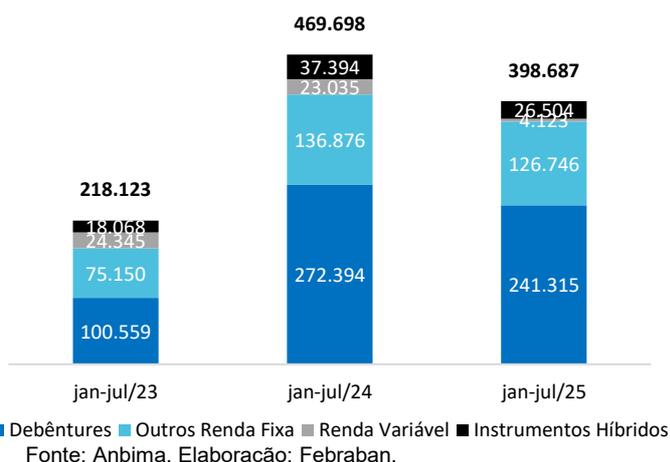
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais Var. % Acum. 12 meses



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Volume de captação acum. no ano R\$ mi – Preços de jul/25 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	22/08/25	15/08/25	25/07/25	Viés	22/08/25	15/08/25	25/07/25	Viés
IPCA (%)	4,86	4,95	5,09	▼	4,33	4,40	4,44	▼
PIB (% de crescimento)	2,18	2,21	2,23	▼	1,86	1,87	1,89	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	15,00	↔	12,50	12,50	12,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,59	5,60	5,60	▼	5,64	5,70	5,70	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	22/08/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,43	0,46%	-3,11%	-12,16%	-1,14%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	139,83	1,86%	-6,61%	-34,96%	-5,05%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,91	0,00%	0,01%	21,03%	42,70%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	14,39	-0,03%	-2,43%	-6,62%	26,51%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,57	1,79%	-1,07%	-12,96%	18,09%
Índice Ibovespa (em pontos)	137.968,16	1,19%	3,68%	14,70%	1,10%
IFNC (setor financeiro)	15.065,03	-0,86%	4,79%	27,35%	5,10%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	3,70	-1,45%	-6,59%	-12,86%	-7,67%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,25	-1,44%	-2,75%	-6,16%	10,43%
Dollar Index	97,72	-0,14%	-2,25%	-9,63%	-3,74%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.466,91	0,27%	2,01%	9,48%	16,09%
Índice de ações de bancos – EUA	125,01	5,26%	7,93%	4,09%	13,30%
Índice Euro Stoxx 50	5.488,23	0,73%	3,16%	12,71%	12,35%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	236,14	0,06%	7,46%	62,46%	69,81%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	67,80	2,96%	-6,52%	-8,86%	-12,20%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira